

RESENHA DO LIVRO: A RUA DOS CATAVENTOS, DE MARIO QUINTANA

Resenhista, Professor Dr. José Rinaldo Domingos de Melo

"A Rua dos Cataventos" é o livro de estreia do poeta gaúcho Mario Quintana (1906-1994), publicado em 1940, quando o autor tinha 34 anos. Composto por 35 sonetos, a obra marca o início da carreira literária de Quintana, um dos maiores poetas brasileiros, conhecido como o "poeta das coisas simples". Apesar de não ter obtido grande sucesso inicial de público ou crítica – em um contexto literário dominado pelo modernismo pós-Semana de Arte Moderna de 1922, onde formas tradicionais como o soneto eram vistas com desconfiança – o livro revela elementos que se tornariam característicos da poesia quintaniana, como a simplicidade, o lirismo e o humor irônico. O livro é uma coletânea de sonetos que evocam uma "rua" metafórica, simbolizando o cotidiano e as memórias pessoais do poeta.

Quintana usa a rua como um "local-base" para o eu-lírico observar a passagem do tempo, as mudanças do ambiente e as cenas da vida diária. Os poemas dialogam entre o mundo sensível (fatos e sentidos) e o extrassensório (manifestações poéticas), criando um passeio imersivo onde o leitor é convidado a se deixar levar pelos "ventos cantantes". A estrutura formal dos sonetos – com métrica, ritmo e rimas – contrasta com o conteúdo movente e prosaico, antecipando a evolução de Quintana para versos mais livres em obras posteriores. Os temas centrais giram em torno da infância do poeta, evocada com nostalgia e afetividade, e reflexões sobre a morte, tratadas com sutileza, ironia e melancolia. Quintana evoca personagens de sua infância, seu eu infantil e dedicatórias a amigos, como Érico Veríssimo e outros. A morte aparece como um elemento constante, simbolizada em imagens como "manto negro" ou "vela amarelada", representando decadência e maturidade. Outros motivos incluem a passagem do tempo, a resistência à opressão social e capitalista (através de exílio utópico e valorização da poesia), e a infância como lócus de pureza e imaginação.

Um aspecto notável é o uso recorrente de cores nos poemas, que atuam como signos estéticos para aprofundar as sensações do eu-lírico. Por exemplo, o verde representa tranquilidade e esperança; o dourado, felicidade e iluminação; o amarelo

opaco, envelhecimento e decadência; e o branco, sacrifício e morte. Essa paleta cromática reflete mudanças no estado de espírito do poeta, de otimismo inicial a uma introspecção mais sombria. Quintana mescla influências modernistas com resquícios simbolistas e parnasianos, adaptando a forma rígida do soneto à simplicidade cotidiana. Seu estilo é elogiado pela capacidade de tratar temas profundos – existenciais, sociais e metafísicos – de forma leve e acessível, com toques de humor travesso e ironia. Versos como "Todos estes que aí estão / Atravancando o meu caminho / Eles passarão / Eu passarinho!" exemplificam essa ternura e rebeldia poética. A poesia resiste ao tempo linear e à "falsa ordem" da sociedade, promovendo uma "experiência nova" que desautomatiza a percepção do leitor.

Inicialmente, o livro não repercutiu amplamente, mas hoje é visto como um marco que introduz o universo poético de Quintana. Críticos e leitores destacam sua genialidade, com sonetos incluídos em antologias e livros escolares. Resenhas contemporâneas o descrevem como nostálgico e comovente, um "passeio descobridor" que enche os olhos e o coração. Para quem aprecia poesia simples e profunda, é uma leitura essencial, revelando um poeta que, como um anjo disfarçado, transforma o cotidiano em arte eterna. Em resumo, "A Rua dos Cataventos" é uma obra inaugural que captura a essência de Mario Quintana: uma poesia que reconcilia o tradicional com o moderno, o simples com o profundo, convidando o leitor a um passeio pelos ventos da memória e da existência. Recomendo para quem busca inspiração na beleza do dia a dia.

Uma Reflexão: no coração do Brasil pulsante, surge o Nordeste, forte e vibrante, com seu povo de alma guerreira, e sua história tão verdadeira. Do sertão seco ao mar cristalino, cada canto tem seu destino, tem forró, xaxado e baião, e o calor da celebração. Na feira tem cheiro de vida, na rede, a paz tão querida, o cuscuz reina na mesa farta, e o aboio ecoa na madrugada. Tem cabra macho e mulher valente, tem poesia que encanta a gente, tem São João com fogueira acesa, e romaria com tanta beleza. O Nordeste é chão de esperança, de quem luta com fé e confiança, é raiz que nunca se esquece, é Brasil que canta e enaltece. Autor(a) Rinaldo de Melo.